

## O narcisismo no contexto da maternidade: Algumas evidências empíricas

Andrea Gabriela Ferrari  
Cesar Augusto Picinini  
Rita Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### RESUMO

Discute-se neste artigo o ressurgimento do narcisismo infantil da mãe no momento da gravidez e do nascimento de um filho. Parte-se do conceito freudiano de narcisismo, destacando a importância do período narcísico infantil da própria mãe para o desenvolvimento do ego. Busca-se em outros autores de origem psicanalítica aspectos relativos à inflação do sentimento narcísico da mãe quando da gravidez e do nascimento do bebê. Estes conceitos são ilustrados através de relatos de entrevistas realizadas na gestação e no quarto e oitavo mês de vida do bebê. Acentua-se, na análise, a posição subjetiva revelada através das falas da mãe a respeito da sua história infantil e da herança deixada pelas marcas constitutivas da relação com sua própria mãe. A partir do caso evidencia-se a importância dos aspectos constitutivos da mãe, atualizados e reeditados, para a construção do lugar materno e, conseqüentemente, para a inserção do bebê na sua fantasmática.

**Palavras-chaves:** Maternidade; narcisismo.

### ABSTRACT

*Narcissism in the context of motherhood: Some empirical evidences*

The reappearance of infantile narcissism in the mother during pregnancy and after a child's birth is discussed in this article. The point of departure is the Freudian concept of narcissism, highlighting the importance of the mother's own infantile narcissistic period for ego development. Other psychoanalytic authors are also used for exploring the mother's inflated narcissistic feelings during pregnancy and after birth. These concepts are illustrated through interview reports during pregnancy, as well as during the baby's fourth and eighth month. In the analysis, the mother's subjective position, as revealed through her reports concerning her childhood history and the inheritance left by the constitutive marks of the relationship with her own mother are emphasized. From this case the importance of mother's constitutive aspects, actualized and reedited for the construction of the maternal place and consequently for the baby's insertion in her phantasy life is made evident.

**Key words:** Motherhood; narcissism.

### INTRODUÇÃO

Freud (1914/1990a), em *Introdução ao narcisismo*, desvincula o narcisismo da psicopatologia sexual e faz dele um conceito que oferece um entendimento a respeito da constituição do eu e do objeto. Indagações anteriores já o haviam levado a pensar a respeito da evolução libidinal do sujeito normal, do auto-erotismo ao amor de objeto:

Designamo-lo 'Narzissismus' [...]. Consiste em que, o indivíduo empenhado no desenvolvimento e que sintetiza em uma unidade suas pulsões se-

xuais de atividade auto-erótica para ganhar um objeto de amor, toma primeiro a si mesmo, a seu corpo próprio [como objeto], antes de passar deste à eleição de objeto numa pessoa alheia (Freud, 1914/1990a, p. 56).

Neste texto Freud diferencia libido narcísica (ou libido do eu) e libido de objeto. Esta diferenciação terá conseqüências no seu entendimento sobre o amor. Freud também salientou que haveria dois caminhos possíveis para a escolha de objeto pela criança, que estariam relacionados aos dois objetos sexuais origi-

nários: a mulher que cuidou dela e ela própria. Esses tipos de escolha objetual foram denominados, respectivamente, de anaclítico (ou de apoio) e narcísico.

No tipo anaclítico, transfere-se o narcisismo vivenciado na infância para o objeto. No tipo narcísico, ama-se a si mesmo, ao que se foi, ao que se gostaria de ser e, à pessoa que foi parte de si mesmo. A relação entre libido narcísica e libido objetual seria inversamente proporcional, ou seja, enquanto uma aumenta, a outra se empobrece.

Para Freud, no enamoramento, a libido de objeto encontra-se no seu estado mais elevado em detrimento da libido narcísica, que fica empobrecida pelo investimento ao objeto amado. Na verdade, a libido somente se divide em libido narcísica e de objeto após a possibilidade de investimento no objeto, o que diferenciaria o estado auto-erótico do estado narcísico. Assim, o narcisismo constitui-se por uma “nova ação psíquica” agregada ao auto-erotismo, que desembocará, posteriormente, na constituição do eu (Freud, 1914/1990a, p. 74).

A não-existência de um eu inicial, primordial, é um dos pressupostos que se mantém desde a origem da psicanálise. Simanke (1994) concluiu que a nova ação psíquica agregada:

... consiste na constituição do eu [...], imagem unificada pela qual o sujeito se representa a si mesmo, o que permite à libido tomar essa imagem como objeto total. Esta diferenciação [...] permite intuir uma origem para o desejo (movimento psíquico em direção a um objeto representado) a partir da pulsão, definindo-o agora dentro da esfera sexual (p. 122).

Nasio (1997) refere que o narcisismo é um “... gesto essencial do eu que lhe permite transformar o objeto real em objeto fantasiado” (p. 38). Considera-o uma “torção do eu”, pois possibilita que ele mesmo tome o lugar do objeto sexual para se fazer amar e desejar pela pulsão sexual – “... amar a si mesmo como objeto sexual” (p. 38). Ainda para o autor, “... o amor narcísico por ele mesmo, enquanto objeto sexual, está na base da constituição de todas as nossas fantasias” (p. 38).

A partir dessas considerações, podemos pressupor que a nova ação psíquica agregada ao auto-erotismo vem, em grande parte, do lado de fora do organismo, ou seja, do lado do objeto, objeto este que, para o bebê, ainda não é considerado como tal. Nesse sentido, para poder acionar um investimento no objeto, que oferecerá a possibilidade de desmembrar libido narcísica de libido objetual, esse corpo precisa ter sido tomado como objeto de investimento por alguém. A ação psíquica agregada necessária para a constituição do narcisismo poderia ser os investimentos vindos do outro, personificado, geralmente, na Tabela da mãe. Assim, a saída

do auto-erotismo para o narcisismo somente poderia acontecer desde que esse corpo auto-erótico fosse objeto de investimentos amorosos vindos de um outro corpo. De alguma forma, pode-se pensar que a costura libidinal necessária para a saída do desmembramento auto-erótico acontece, justamente, porque esse bebê foi tomado como objeto de desejo para uma mãe, sendo investido libidinalmente a partir do seu próprio narcisismo.

## NARCISISMO NO CONTEXTO DA MATERNIDADE

Isso tudo nos leva a buscar um entendimento sobre a noção de enamoramento e a relação inversamente proporcional entre libido narcísica e libido objetual. Como foi dito anteriormente, no enamoramento haveria um esvaziamento da libido narcísica em detrimento do objeto amado. Nesse sentido, o enamoramento geraria um empobrecimento narcísico em que tudo passa a girar em torno daquele que é digno de amor. A maternidade e, mais especificamente, a gravidez, sugere a necessidade de se considerar outros ângulos nesta análise. Como referem Aulagnier (1994a) e Bydlowski (2000a), o objeto investido durante a gravidez não difere do eu, já que, aparentemente, visa a própria pessoa. Nesse sentido, Aulagnier (1990) aponta que o processo de investimento libidinal materno não ocorre em detrimento do seu narcisismo, mas haveria um “... sobreinvestimento narcísico daquilo que é sentido como uma produção endógena, como algo que vem acrescentar-se ao próprio corpo” (p. 18). Assim, a equação freudiana sobre libido narcísica e objetual precisaria ser repensada na gestação e, possivelmente, na maternidade. Manzano, Palacio-Espasa e Zilka (2001) referem que, na relação dos pais com o bebê, os relacionamentos narcísico e objetual coexistiriam sendo que, à medida que o bebê cresce (nos relacionamentos considerados normais), o tipo de relacionamento objetual vai sendo privilegiado.

Freud (1914/1990a) perguntava-se a respeito do destino dado ao narcisismo infantil no adulto normal. A resposta articulada refere-se à intervenção da repressão. As pulsões sexuais sucumbem à repressão quando conflituam com as representações éticas e morais. Assim, para Freud a repressão entraria em cena pelo respeito que o eu passa a ter por si mesmo, sendo a formação de um ideal um fator que condiciona a repressão. Além disso, a formação do ideal, desencadeada pela consciência moral (posteriormente denominada de supereu), seria incitada pelos efeitos das influências críticas dos pais. A pessoa constrói dentro de si um ideal a partir do qual mede o seu eu atual, como Freud destacou na passagem seguinte:

Sobre este ideal agora recai o amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo aparece deslocado a este novo ideal que, como o infantil, encontra-se em posse de todas as perfeições valiosas [...], procura recobrá-la na nova forma do ideal-do-eu. O que projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal (Freud, 1914/1990a, p. 91).

A partir de então, o eu tenta recuperar o seu narcisismo mediante a possibilidade de cumprir com esse ideal, o que acarreta satisfação. Sobre a formação do ideal, uma diferenciação que não está clara no texto *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/1990a), mas que já estava esboçada é sobre o ideal-do-eu e o eu-ideal serem duas instâncias diferenciáveis. Lacan (1986) refere que o ideal-do-eu é um guia que se encontra no nível simbólico, que comanda o jogo das relações com os outros. Nesta direção Roudinesco e Plon (1998) salientam que o eu-ideal encontra-se no nível imaginário, sendo uma formação essencialmente narcísica, tornando-se um sonho ou mesmo uma aspiração. Na relação entre ambos, Lacan (1986) destaca que:

O Ich-Ideal [ideal-do-eu], enquanto falante, pode vir a situar-se no mundo dos objetos ao nível do Ideal-Ich [eu-ideal], ou seja, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica com que Freud nos martela os ouvidos ao longo desse texto [Introdução ao narcisismo] [...]. Em outras palavras, quando se está apaixonado, se é louco [...]. É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário (Lacan, 1986, pp. 166-167).

Uma interpretação possível para essa diferenciação seria a de que o ideal-do-eu marca para o sujeito aquilo que precisa alcançar para reencontrar o eu-ideal, aquela sensação de completude perdida quando da intervenção da repressão. Assim, a noção de ideal-do-eu nos remeteria a uma perspectiva futura e o eu-ideal a uma ilusão de reencontro consigo mesmo, como acontecia no passado. Nesse sentido, cabe se perguntar se a própria gravidez e o amor pelo filho não possibilita esse reencontro, tão almejado desde o momento no qual a repressão interveio e fez com que a criança se deparasse com a primeira impossibilidade, com a primeira ferida narcísica? Para Lacan (1986), é em nível do eu-ideal que pode se produzir esse engodo de captação narcísica no qual o objeto se equivale à imagem. Assim, o bebê pode ocupar esse lugar de engodo. O amor é um fenômeno acontecido no registro do imaginário que provoca uma perturbação do ideal-do-eu, "... o amor reabre a porta à perfeição" (p. 166).

Percebe-se como as questões relativas à constituição do narcisismo infantil interligam-se com as questões psíquicas dos pais. Nesse sentido, podemos pensar a respeito do renascimento do narcisismo parental quando do nascimento de um filho. Freud (1914/1990a) refere que:

O comovedor amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa que o narcisismo ressuscitado dos pais que, em sua transmutação ao amor de objeto, revela sua primitiva natureza (p. 88).

Esses questionamentos trazem à tona a importância de se tomar o filho desde o narcisismo parental. O renascimento e a reprodução do narcisismo dos pais na relação com a criança encontram-se indicados pela supervalorização da sua atitude emocional em relação ao filho.

Além das contribuições de Freud, o conceito de narcisismo foi também enriquecido pela perspectiva lacaniana. Goldgrub (2001) sugeriu que a "nova ação psíquica" proposta por Freud, necessária para a passagem do auto-erotismo ao narcisismo seria a identificação. Essa proposta decorre de outro texto freudiano *Luto e melancolia* (cf. 1917/1990b), no qual há uma referência de que, nas afecções narcísicas, a identificação toma o lugar do amor objetual. Essa colocação levou Goldgrub a pensar que "... a transformação do eu só é possível sob a condição de que algo ocorra no terreno da identificação, exclusivamente discursivo" (p. 277).

Para Lacan (1949/1988), o estágio do espelho é uma identificação:

[...] a saber, a transformação produzida num sujeito quando assume uma imagem, cuja predestinação a este efeito de fase está suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do termo antigo *imago* (p. 87).<sup>1</sup>

Essa transformação, sem dúvida, relaciona-se ao "novo ato psíquico" indicado por Freud (1914/1990a) na constituição do eu. O eu precisa ser desenvolvido, ele não se encontra lá desde o nascimento e, para que isso ocorra, algo tem que se somar às pulsões para a constituição narcísica. Essa nova ação psíquica necessária para dar forma ao narcisismo, foi interpretada por Lacan (1986) como sendo a origem imaginária da função do eu. Podemos pensar que, de alguma maneira, o sujeito encontra-se predestinado a assumir ou a identificar-se com a imagem refletida no espelho, no sentido de que ela lhe foi indicada nas relações anteriores em função dos desejos e espelhamentos dos *outros maternos*<sup>2</sup> desse bebê em particular. O narcisismo derivaria, então, do estágio do espelho.

Apesar de partir de outra perspectiva psicanalítica, não podemos deixar de considerar a posição de

Winnicott (1972) inspirada, segundo o próprio autor, no artigo de Lacan (1949/1988). Winnicott propõe que o rosto da mãe seria o precursor do espelho no desenvolvimento individual da criança. O bebê, quando mama, não olha para o seio, mas para o rosto da mãe e, mais especificamente, para o olhar materno. Nesse sentido, o autor sugere “que, geralmente, [o bebê] enxerga a ele mesmo. Em outras palavras, a mãe o olha e, o que ela parece, relaciona-se com o que vê nele” (Winnicott, 1972, p. 148). Quando a mãe não retorna ou não responde a esse olhar, o bebê não enxerga a si mesmo.

Então, podemos pensar que para um sujeito investir libidinalmente em um objeto ele precisa, originalmente, ter sido investido por um outro, ou seja, para tornar-se sujeito foi necessário passar pela posição de objeto. Green (1988) refere que o narcisismo pode ser entendido como um “...objeto interno substitutivo que vela pelo Eu como a mãe vela pela criança. Ele cobre o sujeito e o choca” (p. 57). Assim, não podemos desvincular a constituição do narcisismo da relação primordial do bebê com a mãe.

### O NARCISISMO NA GESTAÇÃO: EXEMPLIFICANDO COM UM CASO<sup>3</sup>

Roberta<sup>4</sup> era uma mulher de 34 anos, grávida pela primeira vez. Como as demais participantes, Roberta foi entrevistada quatro vezes desde a gestação até o final do primeiro ano de vida da criança. A primeira autora do presente estudo foi quem acompanhou Roberta ao longo deste período. Morava com seu companheiro fazia um ano, mas namoravam há seis. Tinham planos para engravidar assim que conseguissem se mudar para uma casa maior que compraram na planta. No dia da mudança, o marido veio com a notícia de que havia sido demitido. Apesar disso, mantiveram os planos de engravidar. Apesar do esforço do marido em montar uma microempresa, o retorno financeiro não estava sendo o esperado, o dinheiro ficou apertado, podendo contar somente com o dinheiro do salário de Roberta. Roberta trabalhava de secretária executiva em uma empresa.

A experiência da gravidez estava sendo extremamente gratificante. Sempre desejou ser mãe, pois segundo ela, sendo mulher, tinha possibilidade de gerar outro ser. A notícia da gravidez foi recebida como algo maravilhoso e foi sentida como um milagre, associado a um sentimento de onipotência “*de poder tudo*”. Desde que engravidou tornou-se mais sensível, chorou muito quando fez a primeira ecografia e viu seu filho. Roberta sentia-se diferente pelo fato de estar grávida, diferença que era apoiada nas relações de trabalho mas da qual o marido reclamava. Estar grávida era:

“maravilhoso, [...] antes não era assim, porque eu to gerando um bebê, então eu acho que fico muito mais emocionada. O Daniel [marido] me acha chata [...] eu acho que a gente fica carente, querendo mais afeto. As pessoas vêm te paparicar, no meu trabalho é maravilhoso, as pessoas me tratam super bem – eu tô com a cadeira nova, eu sou a mamãe da empresa – ‘não sobe na escada, não pega isso que é muito pesado [...]’ e aqui, eu sinto o Daniel um pouco distante [...]”.

Se, por um lado, narcisicamente sentia-se plena – *de poder tudo* – por outro, não sentia que esse sentimento de poder e milagre era alimentado pelo marido. O reconhecimento, amparo e cuidado que possibilitavam a inflação narcísica vinha daqueles com os quais mantinha uma relação mais formal. Além do distanciamento do marido, um ponto bastante abordado por Roberta foi a morte da mãe. Ela havia morrido de câncer havia dois anos, e por isto não tomou conhecimento da gravidez da filha e nem sequer conheceu a casa nova. Assim, a mãe não estava junto para retificar o milagre que era o fato de gerar um filho e do sentimento de poder que ele proporciona.

Sentia-se sozinha, pois não tinha com quem contar. A mãe estava morta, as irmãs muito ocupadas, cuidando das suas vidas. O seu próprio pai não a havia presenteado com nada, nem para ela nem para o bebê, o que a deixava magoada. Não encontrava eco para os seus ideais e anseios narcisistas naqueles que teoricamente lhe eram próximos. Talvez para contrabalançar o descaso familiar – que implicava uma quebra narcísica importante – cria um bebê imaginado dos mais ricos:

“Ricardo [o bebê], para mim, vai ser um grande homem, um presidente, não presidente do Brasil, mas presidente de uma grande empresa, assim, vai ser uma pessoa muito importante. É o que eu quero. E um esportista também, eu quero que ele seja, eu quero que goste muito de esportes, seja estudioso [...] e a história do esporte eu acho bem legal, minhas irmãs, as duas são esportistas. Eu acho que o esporte tem que estar na vida da gente”.

Esta passagem destaca um bebê imaginado ideal e todo-poderoso, que iria ser presidente de uma grande empresa, além de esportista. Algumas associações merecem ser destacadas neste bebê imaginado por Roberta. O marido perdeu um bom emprego em uma multinacional, não era presidente, mas trabalhava em uma grande empresa. De alguma forma, o bebê viria restituir o que o marido perdeu. Queria que fosse estudioso. Apesar de ela ter se formado em curso superior e de Daniel estar cursando o último semestre de uma faculdade, ela não gostava muito de livros, e o marido, pelas dificuldades de trabalho que estava atravessan-

do, não conseguia se concentrar nos estudos (principalmente para fazer a monografia de final de curso). Além disso, pareceu-nos que a questão do esporte era o único traço que ligava o seu bebê à sua família de origem – às suas irmãs esportistas. Não se sentia amparada pela sua própria família como gostaria, e talvez o que se salvasse como possível traço identificatório do lado da sua família fosse o esporte.

O momento do parto também era muito idealizado, e ela gostaria de poder fazê-lo na água, mas como na cidade não existia esse tipo de serviço, resolveu fazê-lo de cócoras. Gostaria de colocar músicas que facilitassem o trabalho de parto. Refere que está louca para ver o bebê nascer:

“eu acho que vai nascer assim, perfeito, bem forte, eu vou conseguir ver ele saindo daqui e dar um abraço nele, e vou pegar ele assim [...] eu quero que ele goste mais de mim do que dele [marido]. Agora está na minha barriga, a maior atenção é para mim, depois que ele nascer, quando o bebê nasce a atenção se vira toda para o bebê e um pouquinho para a mãe, mas o pai nunca tem atenção, o pai é só assim – ‘vai pegar a mala, vai buscar a fralda’ [...]”.

A partir do nascimento, seria inaugurado um tipo de relação enigmática com o bebê, visto o sentimento de desamparo que enunciava e a indisponibilidade das pessoas que gostaria de ter próximas. Sendo esta relação inesperada, existia uma necessidade de controlar os acontecimentos nos mínimos detalhes, pois não teria com quem contar para lhe indicar os caminhos possíveis a serem seguidos. Dolto (1992) postula que devemos pensar o nascimento enquanto fato de nomeação e reconhecimento de um sujeito. Nesse sentido, a autora pensa o parto como uma castração<sup>5</sup> que ocorre na criança e, também, na mãe. Ela é entendida como a matriz das castrações futuras. O efeito dessa castração na mãe encontra-se na possibilidade desse corpo ser o suficientemente “narcisizante” para ela, ou seja, que tipo de impacto afetivo esse corpo terá.

Outros relatos de Roberta estavam pautados pelas perdas. Estas se referiam não somente à perda da mãe ou do emprego do marido, mas ela chegava mesmo a antecipar o parto também como uma perda. Roberta antecipava esse sentimento de abandono no parto quando dizia que todos os olhares se voltariam para o bebê. Demonstrava, aqui, uma dificuldade de sair do lugar de evidência, deixando esse posicionamento para o filho. O desejo pelo bebê, num primeiro momento, referia-se muito mais às satisfações que ele traria do que, propriamente, pelo bebê em si. Assim, o bebê encontrava o seu lugar relacionado àquilo que a mãe não conseguiu ser (Rodulfo, 1989; Bydlowski, 2000).

Falando do que gostaria para o futuro do seu filho referia-se a:

“... dar tudo do melhor para ele, o que tiver no meu alcance, com muito carinho, que ele goste das pessoas, que não tenha rancor, que seja uma criança saudável, tudo o que uma mãe quer para um filho, né?! Que o filho tenha coisas boas, que seja estudioso, que goste de ler, eu sou [profissão omitida] mas não gosto muito de ler. [...] Ter uma vida bastante livre assim, ser uma pessoa muito feliz, que me conte os segredos, para mim, que ele possa contar para mim como amiga e não como mãe; como amiga, que possa aconselhar ele no que der, se eu puder, para aconselhar. De vir me contar: ‘– mãe, aconteceu isso, o que eu faço?’, se eu puder ajudar ele a superar, ele assim de dizer: ‘– pô, minha mãe ajudou, que legal, me orgulho da minha mãe’ ... mas não sei”.

A saída de Roberta para o impasse de ser deixada de lado – referida na sua visão do parto – era que o filho a reconhecesse como uma pessoa que faria diferença para a sua vida, que depois de ajudá-lo, não como mãe, mas como amiga, o filho se orgulhasse dela – sentimento de orgulho que esperava que o pai tivesse tido em função da sua gravidez. Além disso, deixava claro que desejava que o filho gostasse mais dela do que do pai. Esse orgulho, chamuscado pelo não-reconhecimento nem pelo pai nem pelo marido da sua posição privilegiada de gerar, poderia ser restituído pelo reconhecimento que viria por parte do filho.

É interessante pensarmos a respeito desse movimento subjetivo de Roberta, relacionando-o à mudança de escolha narcísica para objeto na chegada de um filho (Freud, 1914/1990a). É como se Roberta precisasse do reconhecimento do filho muito mais do que o filho do seu reconhecimento. A restituição narcísica que essa criança lhe traria se encontra relacionada com o amor que poderá vir a lhe oferecer. Assim, essa criança somente poderia ser tomada como objeto privilegiado do seu amor desde que veja, no filho, o amor que ele lhe dedica.

Quando relatou a sua própria infância, o fez com certo ressentimento de não ter sido suficientemente amada e respeitada quando criança. Eram quatro filhos na família, sendo que o caçula nasceu muito doente, fazendo com que a mãe se ausentasse frequentemente, por longos períodos, para cuidar do filho hospitalizado. Além disso, sendo muito pobres, ela precisava se encarregar de certas tarefas domésticas como lavar a louça e varrer a casa e, somente depois de cumpridas estas tarefas, ela podia brincar com seus amigos. Quando falou sobre a doença da própria mãe, salientou que foi ela quem cuidou da mãe, apesar de a

mesma não ter cuidado dela na infância. O pai, fazendo ainda o luto da esposa, não lhe havia oferecido nenhum presente, durante a gravidez, como salientado acima. Ou seja, ela precisava encontrar no filho o amor e o reconhecimento que tanto buscou nos pais e não encontrou. Além disso, o marido, que poderia cuidar dela em função do bom salário que recebia, viu-se impedido por causa da demissão do emprego. O bebê iria, então, lhe suprir uma carência que tanto estava lhe custando. Isto fez com que se desvinculasse da posição materna para se colocar enquanto uma grande amiga e confidente, visto que, na posição materna, atualizaria o abandono vivido na infância.

Assim, na montagem do bebê imaginado, Roberta permitiu-se fantasiar a respeito de tudo o que gostaria que o filho fosse. Seus desejos narcisistas foram extravasados na montagem do seu bebê imaginado. Como foi proposto anteriormente, esse bebê a ligaria novamente à sua família (pela qual não se sentia reconhecida), através do esporte, além de vir a restituir o que o próprio marido perdeu, sendo, então, uma pessoa muito importante. Além disso, poderia gozar uma certa liberdade na infância que ela não pôde ter em função das tarefas domésticas que a mãe a obrigava a cumprir.

O bebê de Roberta acabou nascendo prematuro. Nos seus relatos após o nascimento do filho, Roberta falou muito sobre os fatos que antecederam o parto, como por exemplo, o tipo de fisgada que sentia, a sua hipótese a respeito, até que estava de repouso por essas fisgadas. Como a bolsa estourou, a médica indicou-lhe internação. Foram ao hospital e tentaram segurar o bebê na barriga o máximo até que, em determinado momento, o coração do bebê diminuiu os batimentos cardíacos, o que fez marcarem cesariana de emergência. O bebê ficou na UTI neonatal por cinco dias, sendo alimentado por soro e depois disso passou para uma sala intermediária e começou a mamar no peito. Relatou que a experiência de não estar com o bebê no quarto foi horrível, pois as pessoas que iam visitar a colega de quarto invariavelmente perguntavam sobre seu bebê e ela se via na obrigação de contar toda a história – que seu bebê tinha sido prematuro e que estava na UTI.

Outro acontecimento marcante foi o fato de ir para casa e ter de deixar o bebê no hospital:

“... horrível, horrível. De um lado eu achei que até, não é que eu ache bom, óbvio que, mas foi para a minha recuperação, mas assim, porque eu não tenho a minha mãe, a minha sogra veio, visitou e se foi, também tinha os compromissos dela; minhas irmãs, uma está estudando feito louca, mestrado, não tinha muito tempo para ficar comigo, e a outra, que mora em F., então, não tinha ninguém para

ficar. Então esse tempo que ele ficou na UTI, de um lado foi bom para mim, porque eu me recuperei em casa, eu conseguia dormir legal para estar bem no outro dia para estar lá com ele, mas, ah, era muito triste mesmo. Todo mundo sabia que eu tinha ganhado bebê e eu não vim com ele ...”.

O modo como Roberta estava tentando elaborar a prematuridade do bebê e o fato de ter que ficar internado, sugeria que ela estava pensando o hospital enquanto um meio de apoio que não teria caso voltasse para casa com ele. A questão do desamparo trazida na entrevista da gestação se concretizava no momento do nascimento, mas podia ser reconsiderada, dada a forma como falava do período no qual o bebê teve que ficar internado – durante esse período ela pôde descansar e se refazer da cesárea.

Por outro lado, isso não impediu que se sentisse roubada naquilo que o bebê representava falicamente. Ele não pôde ser mostrado imediatamente após o seu nascimento e, mesmo mais tarde, quando saía com as sobrinhas da sua idade, Roberta tinha que repetir a explicação da prematuridade, dada a indagação das pessoas a respeito do pequeno tamanho do bebê:

“... Sempre repetindo essa mesma coisa, até hoje eu repito isso [sobre a prematuridade]. As pessoas olham para ele, logo mais no início ele era bem carequinha, então parecia uma criancinha doentinha, magrinho, sem cabelo. [...] Então, lá no shopping, também tava a minha sobrinha, que é uma bolota, imensa, grande, a outra também que tava, uma amiga dela, risonha e tal, e ele mais quietinho, mais na dele... Aí todo mundo vinha, ‘– ai que bonitinha essa gordinha...’, ‘– ai, este é o baixinho aqui da turma...’, ‘quantos dias ele tá?’. Eu dizia, ‘– não, ele tem meses, ele é o mais velho... Porque ele nasceu prematuro’. Eu nem sei se eu devia dizer, mas sei lá, eu fico pensando que as pessoas vão pensar que ele é doente ...”.

Estes relatos de Roberta sugerem que o corpo do seu bebê parecia não ter capacidade de restituição narcísica que lhe oferecesse a possibilidade de deslocar a sensação de completude – de poder – sentida na gravidez para depois do nascimento. Como refere Dolto (1992), a castração umbilical seria vivenciada, pela mãe, de forma diferente, de acordo com a capacidade narcisante do corpo do bebê. Em relação à particularidade da história de Roberta, cabe lembrar que o fato de ter um irmão menor que nasceu doente e precisou de cuidados especiais de sua mãe fez com que ela se retraísse em relação a sua capacidade de se fazer querer. Isto é atualizado no momento da gestação com as respostas de indiferença dos familiares à sensação de poder e milagre que a gravidez lhe propor-

cionava. Quando do nascimento prematuro de seu filho parece que essa sensação oferecida pela gravidez se esvai, se esfumaça e enfatiza, uma vez mais, a sua incompetência de se fazer querer pelos outros, deflacionando o seu sentimento narcísico.

Porém, em alguns momentos, o corpo do bebê de Roberta tinha essa capacidade narcisante que Dolto (1992) evoca:

“... quando ele nasceu, a médica disse: ‘– Roberta, olha teu filho...’. Foi um troço de louco, foi algo maravilhoso vê que ele é perfeito, que chorou um monte para nascer... O Daniel vinha me contar na sala de recuperação... Que ele tem o dedinho torto igual ao meu, porque o dedinho do pé, o segundo dedo eu tenho maior do que o dedão; ele tem também, ele tem o narizinho arrebicadinho, ele é lindo, perfeito, perfeito, perfeito, ele é lindo, tem cinco dedinhos em cada mãozinha, tá tudo bem com ele. Daí eu... O primeiro momento que eu fui na UTI para visitar, fui lá, foi uma emoção muito bonita assim, bonita, eu chorei um monte em ver ele, saber que é meu assim... Ai, é muito bom, muito bom mesmo!”

Pode-se ver, nesta passagem, que muito da capacidade narcisante do bebê relaciona-se à semelhança física entre ele o corpo de Roberta, apresentadas pelo marido. Nesse sentido, um fato interessante a respeito da amamentação aconteceu na viagem que fez com o bebê à casa da sua irmã. A irmã de Roberta também tinha tido filho no mesmo período. Desde que o bebê saiu do hospital, Roberta lhe oferecia um complemento alimentar por acreditar não ter leite suficiente. Chegando na casa da irmã, esta lhe afirmou categoricamente que ela tinha leite e não precisava dar complemento ao bebê. Uma cena parece ter sido muito significativa para que Roberta se autorizasse a ter leite suficiente para seu filho – a irmã amamenta o bebê e, ela relata:

“... com a minha irmã, ele [Ricardo] foi um amor. Ela amamentou meu filho, e eu amamentei a filha dela... Ela amamentou, ela deu o maior carinho, coisa mais querida, e eu não senti ciúme nenhum. E ele se ria para ela, é que a gente é muito parecida, cabelo igual, a gente é alta, eu acho que, de repente ele achava que era eu... E a minha irmã já criou três filhos ...”

Esse momento parece ter sido fundamental para Roberta. Além da questão da alimentação, estar em contato com a irmã, que tinha vários filhos, possibilitou uma ancoragem identificatória para que aspectos relativos à maternidade fossem amarrados.

Nesse sentido, podemos lembrar Winnicott (1967), quando refere que toda mãe tem capacidade de cuidar

de seu bebê, desde que ela também se sinta cuidada. Podemos referir que o fato ocorrido com Roberta e seu bebê modificou o seu sentimento frente à maternidade pois, a partir de então, sente que é suficiente para seu filho. Outra questão que esta cena da irmã amamentando o bebê nos coloca refere-se ao estágio do espelho identificado por Lacan (1986) como sendo “uma identificação [...] a transformação de um sujeito quando assume uma imagem” (p. 87). Nesse sentido, a constituição do eu estaria relacionada à constituição narcísica e à constituição de ideal (Ferrari e Alcântara, 2004). Como foi descrito anteriormente, a partir de então, o ideal passa a apontar para dois aspectos – o ideal-do-eu que projeta o sujeito a um ideal futuro que o faça retornar ao eu-ideal, momento narcísico de completude quando o bebê e sua mãe mantinham uma relação ilusória e sem faltas. Nesse sentido que vislumbramos a importância dessa cena de espelhamento de Roberta na sua irmã amamentando seu filho – a partir do que reencontra possibilidades de narcicisação na relação com o filho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões teóricas apresentadas acima e as ilustrações do caso da maternidade de Roberta indicam a importância do narcisismo para o acesso à maternidade. O caso de Roberta nos remete a alguns dos aspectos pontuados pela teorização freudiana (Freud, 1914/1990a) e lacaniana (Lacan, 1949/1988) a respeito do narcisismo. Se pensarmos que, para tomar o bebê como objeto privilegiado do desejo, essa mãe, por sua vez, teve que ser tomada desse mesmo lugar, o caso descrito nos oferece um entendimento ilustrativo.

Examinando-se os relatos das entrevistas e das análises destacadas anteriormente, pode-se perceber que Roberta sentiu-se narcisicamente recompensada durante a gravidez, mas, desde então, tinha o pressentimento de que aquela situação de privilégio social, ocasionada pela gravidez, terminaria assim que o bebê nascesse. Por outro lado, a gratificação narcísica era muito frágil, visto que o valor do lugar de grávida não se confirmava perante seus próprios familiares. Isso fez com que vislumbrasse uma atualização dos seus próprios sentimentos de perda e abandono, já que na infância se sentiu preterida pelo nascimento do irmão que, uma vez doente, exigiu muitos cuidados de sua mãe. Isso gerou uma ferida narcísica que somente o seu bebê imaginado poderia restituir. Neste aspecto, podemos pensar que o processo imaginativo recuperou, mesmo que provisoriamente, a sensação de completude perdida quando da intervenção da repressão – eu-ideal (Freud, 1914/1990a; Lacan, 1986).

A chegada do parto fez com que a fantasmática a respeito das perdas se precipitasse, atualizando o senti-

mento de perda e abandono vivido na infância, quando do nascimento do irmão. Este sentimento foi confirmado pela prematuridade do nascimento do filho, impedindo-a de confirmar as expectativas narcisistas através do corpo do bebê. O tênue traço identificatório para lidar com a constituição da sua maternidade parece ter se esfumado, introduzindo novamente a fenda entre eu-ideal e ideal-do-eu (Freud, 1914/1990a; Lacan, 1986). Quando a realidade do corpo do bebê imperava, a recomposição narcísica tornava-se impossível – o bebê nunca seria suficiente para recompor o seu narcisismo, assim como ela, frente aos olhos dos seus pais, nunca o foi.

A busca pela irmã a autorizou a reconhecer-se no bebê, o que lhe possibilitava tomá-lo em um lugar privilegiado, reencontrando-o como produto do seu narcisismo. A partir desse encontro com o familiar, retomou o lugar do filho como possibilidade de reconstituição narcísica e organizou seu lugar materno como mãe possível e suficiente para esse bebê. Esse reencontro fez com que se autorizasse a não repetir, ao menos literalmente, a história de abandono e desamparo da qual foi vítima. A irmã se oferece como o espelho que lhe possibilita identificar-se a uma imagem que estava predestinada (Lacan, 1986). Essa visão organizou ou costurou os pontos da sua história relacionados à maternidade.

A partir do caso analisado no presente estudo, podemos destacar a importância dos aspectos infantis da própria mãe, atualizados e reeditados na construção do lugar materno e, conseqüentemente, da inserção do bebê na sua fantasmática. Nesse sentido, não podemos circunscrever o processo de tornar-se mãe a partir da gestação, mas se faz necessário compreendê-lo a partir da constituição subjetiva da mulher que engravida. Acentuamos, neste tipo de interpretação, as posições subjetivas reveladas através das falas da gestante e mãe a respeito da sua história infantil e da herança deixada pelas marcas constitutivas da relação com sua própria mãe.

## REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1990). *Um intérprete em busca de sentido*. (Trad. de R. Steffen). São Paulo: Escuta. (Original publicado em 1986).
- Aulagnier, P. (1994). Dialogo com Piera Aulagnier. In L. Horstein (Org.). *Cuerpo, historia, interpretación – Piera Aulagnier: de lo originario al proyecto indetificatorio* (pp. 360-379). Buenos Aires: Paidós.
- Bydlowski, M. (2000). *La dette de vie – Itinéraire psychanalytique de la maternité*. Paris: PUF.
- Dolto, F. (1992). *A imagem inconsciente do corpo*. (Trad. N. Kon e M. Levy). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1984).
- Ferrari, A., & Alcântara, J. (2004). Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva: algumas considerações. *Pulsional Revista de Psicanálise* (São Paulo), 178, 7-14.
- Freud, S. (1990a). Introdução del narcisismo. (Trad. de J. Etcheverry). In J. Strachey (Org.). *Obras completas* (Vol. 14, pp. 65-97). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1990b). Duelo y melancolía. (Trad. de J. Etcheverry). In J. Strachey (Org.). *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 235-256). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1917).
- Goldgrub, F. (2001). *A máquina do fantasma – Aquisição da linguagem e constituição do sujeito*. Piracicaba: UNIMEP.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (Trad. de C. Berliner). São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1986). *Seminário Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (Trad. de B. Milan). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1954).
- Lacan, J. (1988). El estadio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. (Trad. T. Segovia). *Escritos*. Argentina: Siglo XXI. (Original publicado em 1949).
- Manzano, J., Palacio Espasa, F., & Zilkha, N. (2001). Os roteiros narcísicos dos pais. *Livro Anual de Psicanálise – narcisismo, superego e o sonhar* (Vol. 15, pp. 37-48). São Paulo: Escuta.
- Nasio, J. (1997). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rodulfo, R. (1989). *El niño y el significante – un estudio sobre las funciones del jugar en la constitución temprana*. Buenos Aires: Paidós.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (Trad. de V. Ribeiro e M. Borges). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1993).
- Simanke, R. (1994). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Winnicott, D. (1967). *La familia y el desarrollo del individuo*. Buenos Aires: Paidós.
- Winnicott, D. (1972). Papel de espejo de la madre y la familia en el desarrollo del niño. In Winnicott, D., *Realidad y juego*. Benos Aires: Granica. (Original publicado em 1971).

Recebido em: 09/06/2005. Aceito em: 19/10/2006.

### Notas:

Este artigo é baseado em parte da tese de doutorado de Andréa Gabriela Ferrari, realizada e apresentada no Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS sob a supervisão de Cesar Picinini e Rita de Cássia Sobreira Lopes.

<sup>1</sup> Imago: protótipo inconsciente de personagens que orienta, de preferência, a forma como o indivíduo apreende o outro, elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais ou fantasmáticas com o meio familiar. Algumas vezes, é uma expressão equivalente de representações inconscientes (Laplanche & Pontalis, 1988).

<sup>2</sup> No sentido de que todo aquele que cuida do bebê nos primeiros tempos de vida funciona, de alguma maneira, como mãe.

<sup>3</sup> As passagens que utilizamos a seguir, provêm de um dos casos examinado extensamente na tese de doutorado da primeira autora do presente estudo. Os casos apresentados na tese fazem parte do *Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola* (Picinini, Tudge, Lopes e Sperb, 1998).

<sup>4</sup> Todos os dados de identificação do caso foram modificados.

<sup>5</sup> Castração para Dolto (1992) tem um sentido a aquele cunhado por Freud (1925/1990). Castrações são as provas que a criança tem que passar ao longo da primeira infância para humanizar-se. São provações que acontecem na relação com o outro quando este priva de uma satisfação corpo-a-corpo que até então era permitida. Refere-se, além da castração umbilical, a oral, a anal, primária e edipiana.

### Autores:

Andréa Gabriela Ferrari – Psicóloga clínica e psicanalista. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento.

Cesar Augusto Picinini – Doutor pela University College London. Pesquisador do CNPq e Professor no PPG em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS. Rita de Cássia Sobreira Lopes – Psicóloga. Doutora pela University College London. Professora no PPG em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS.

### Endereço para correspondência:

ANDRÉA GABRIELA FERRARI  
Rua Ramiro Barcelos, 2600/111  
CEP 900035-006, Porto Alegre, RS, Brasil.  
E-mail: andreaferari@portoweb.com.br